

TEMPO DE REVOLUÇÃO

2 DE DEZEMBRO DE 2021

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 14



Variante Ômicron, uma nova ameaça fruto do capitalismo
Pg 02 e 03

Protestos em Cuba: “lenços vermelhos” e a defesa da revolução
Pg 08

Variante Ômicron, uma nova ameaça fruto do capitalismo

A nova variante do coronavírus, chamada Ômicron (a letra “o” do alfabeto grego), foi classificada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma “variante de preocupação”, isso porque há fortes indícios de que se trata de uma cepa muito mais contagiosa que a Delta, predominante hoje no mundo.

A Covid-19 já ceifou a vida de mais de 5 milhões de pessoas e a OMS estima que 15 milhões de mortes estão direta e indiretamente ligadas à pandemia!

A notícia da nova variante caiu como uma bomba, levantando dúvidas sobre as reais consequências e, principalmente, se será possível acabar com a Covid de uma vez por todas.

Esse impacto é ainda maior diante do quadro que a burguesia tentava apresentar em praticamente todos os países de que estávamos perto do fim. Nos EUA, mesmo diante de novos picos de morte e contaminação, as medidas de flexibilização de máscaras e distanciamen-

tos foram amplamente difundidas. A Europa, novamente epicentro da pandemia, passou por um processo semelhante com a retomada de bares, dançeterias, shows e reabertura das fronteiras para turistas. No Brasil, o Rio de Janeiro foi o primeiro estado a flexibilizar o uso de máscara desde o final de outubro, São Paulo já anunciou o fim da obrigatoriedade das máscaras em locais públicos programado para dezembro e já se planejavam as festas de fim de ano e carnaval em 2022 em todo o país.

Agora, a Ômicron traz consigo um novo lembrete de que a pandemia não acabou e não há prazo para o fim.

O vírus e o lucro contra a vida

Para a *Big Pharma* (grandes empresas farmacêuticas) a notícia é boa. Pfizer, BioNTech e Moderna estimam um faturamento total de US\$ 36 bilhões com as vendas de vacinas até o final de 2021², o equivalente a mil dólares por segundo ou US\$ 93,5 milhões por dia. Essas empresas realizaram as pesquisas para o desenvolvimento dos imunizantes através de financiamentos estatais, porém, agora preservam seus lucros em mãos privadas.

Atualmente, foram fabricadas 9 bilhões de doses de vacinas e deve-se produzir 12 bilhões até o fim do ano, o suficiente para garantir uma dose em todo o mundo e duas doses em mais da metade da população mundial. Entretanto, os dados mos-

tram que não é essa a matemática que segue a lógica do capital: “Mais de 80% das vacinas foram aplicadas em países ricos ou de renda média, e menos de 1% nos países pobres.”³

Portugal, Espanha, Chile, Coreia do Sul, Japão, Uruguai são alguns dos países que já aplicaram duas doses em mais de 75% da população. Na África do Sul, onde a nova variante foi detectada pela primeira vez, apenas 24,3% dos habitantes estão totalmente imunizados e esse é o país com o maior índice no continente africano. Etiópia, Sudão e Burkina Faso, por exemplo, aplicaram apenas 1,3% das duas doses cada. Fora do continente africano também temos casos de baixíssimos índices de vacinação, como o Haiti (0,6%), Iêmen (1,2%), Afeganistão (8,9%) e Iraque (11,1%).

Se o ritmo de vacinação em países como África do Sul, Afeganistão e Iêmen se mantiver, calcula-se que serão necessários 10 anos para vacinar 75% de suas populações.

Acontece que quem pode pagar leva mais, e foi desta maneira que EUA, Canadá, entre outros, acumularam vacinas em excesso enquanto países pobres ficaram à mercê do vírus. Não há um planejamento mundial para pôr fim a esse pesadelo. O que as burguesias de diferentes países buscam fazer é tentar imunizar “sua casa” o mais rápido possível. Porém, o vírus, assim como o capitalismo, é mundial e da mesma maneira que é preciso pôr fim ao capitalismo no mundo inteiro para acabar com a exploração do homem pelo homem, o vírus precisa ser eliminado globalmente para vencermos a Covid-19.

Contraditoriamente, estamos vendo a vacinação estagnando justamente em um dos países que mais puderam adquirir doses. Os EUA vacinaram 59% da população, mas avançam lentamente, descartam doses que estão vencendo e tentam oferecer prêmios para quem for se vacinar. Canadá, Áustria e Israel passaram por situações semelhantes. Se por um



lado as *Fake News* minam a credibilidade das vacinas, por outro, a própria falta de confiança em seus governos e nas instituições burguesas faz com que a população desses países desconfie da vacina.

O Brasil e o mundo

No Brasil, já são 615 mil óbitos causados pela pandemia. Depois da considerável queda de mortes diárias e relativa estabilização, o clima que governos e mídia tentavam transmitir era de fim de pandemia.

Estamos em uma situação melhor hoje? Sim, apesar de toda a propaganda do governo Bolsonaro contra a vacina e com o atraso na compra dos imunizantes, atingimos 62,7% de aplicação das duas doses e as pesquisas



NOTAS

mais recentes mostram que os brasileiros veem as vacinas com bons olhos. Mas já podemos decretar o fim da pandemia? Não.

Em primeiro lugar, a desigualdade da distribuição das doses no mundo ocorre de maneira similar aqui. No estado de São Paulo, 75% dos habitantes foram vacinados com as duas doses e em Santa Catarina, 67%, ao mesmo tempo que no Amazonas, Pará e em Roraima esses números são respectivamente 49%, 40% e 30% apenas.

A pressa em flexibilizar as poucas medidas de proteção (uso de máscaras e distanciamento social) está ligada diretamente à necessidade da classe dominante de retornar à “normalidade”, isto é, ao funcionamento pleno do comércio, das boates, restaurantes etc. As festas de fim de ano e o carnaval movimentam milhões e para a burguesia não importa se mais alguns milhares irão morrer.

O novo surto na Europa já acendeu o alerta de algumas cidades que optaram por cancelar o carnaval e a nova variante pode resultar em algumas ações mais restritivas nos próximos dias, mas não podemos esperar muito dos patrões.

Especialistas afirmam que quanto mais o vírus se espalha, maior a chance de sofrer mutações, ou seja, a vacina por si só não é suficiente. Países como o Brasil, EUA, por exemplo, que ainda não vacinaram totalmente a população, mas mantêm um elevado índice de circulação do vírus, causam temor diante da possibilidade do surgimento de uma variante resistente às vacinas. Lockdowns, distanciamento social, o uso



de máscaras e demais medidas já estabelecidas são o complemento necessário.

A pandemia é um problema mundial. No entanto, não podemos esquecer que a situação poderia ser outra se o governo Bolsonaro e a burguesia nativa tivessem tomado as medidas necessárias. Além disso, devemos acrescentar nessa conta a responsabilidade das direções sindicais e dos partidos da “esquerda” que sabotaram o combate pela derrubada do governo Bolsonaro. Esse freio imposto pelo PT, PCdoB, que contou com o apoio do PSOL, entre outros, permitiu a continuidade e o agravamento da política assassina deste governo.

Nosso combate continua. Não alimentamos as falsas ilusões de que tudo se resolverá nas próximas eleições. Devemos seguir a luta contra o governo Bolsonaro, defender as medidas necessárias para proteger os trabalhadores e a juventude não só da pandemia,

mas também da situação econômica.

A luta contra a Covid-19 exige cooperação global e o compartilhamento aberto de recursos para que se atenda as necessidades da população. Como afirmou Leon Trotsky, “do ponto de vista histórico o sistema capitalista mundial está esgotado”. Toda a tecnologia necessária para pôr fim à pandemia existe, porém, a propriedade privada e o Estado-nação são obstáculos monstruosos nesse combate. A quebra de patentes e a estatização das empresas farmacêuticas são fundamentais para que o lucro não fique acima das vidas humanas.

Para garantir algum tipo de retorno à normalidade devemos combinar a luta contra a pandemia com a batalha para varrer o sistema capitalista apodrecido antes que ele arraste a humanidade ainda mais para a barbárie. Junte-se à Esquerda Marxista e à Corrente Marxista Internacional (CMI) e faça parte deste combate!

¹. [Balanço mundial da pandemia de covid-19 neste domingo\(UOL, 28/11\)](#)

². [Pfizer, BioNTech and Moderna making \\$1,000 profit every second while world's poorest countries remain largely unvaccinated\(RW, 16/11\)](#)

³. [Mais de 80% das vacinas contra Covid-19 foram aplicadas em países ricos; número de casos volta a crescer com relaxamento de cuidados \(Butantan, 11/08\)](#)

Em defesa da organização dos trabalhadores de TI de Joinville

Saiu a terceira edição do Kernel Panic, focando no descaso do SindPD-Joinville com os trabalhadores de tecnologia de Joinville, a maior cidade de Santa Catarina, com 20% das empresas do setor e polo de lucrativas startups.

Todavia, é a cidade onde o sindicato de tecnologia vem cada vez menos se importando com os trabalhadores da área e deixando com que o patronal firme acordos nada benéficos.

Vale ressaltar um total descaso com a categoria durante toda a pandemia, não tendo foco na luta por melhores condições de trabalho.

O Infoproletários é um movimento social composto por trabalhadores da área de informática, reunidos com o objetivo de denunciar e combater a exploração e abusos que sofremos em nossa categoria e no conjunto da classe trabalhadora.



Clique aqui para conhecer mais e ler a edição do Kernel Panic 3.



Recesso

Olá, assinante! Devido ao recesso de fim de ano, faremos uma pausa nas publicações do jornal Tempo de Revolução e retomaremos em janeiro de 2021. Durante esse período, continue nos acompanhando pelas redes sociais e pelo [site da Esquerda Marxista](#).

Na presente edição, separamos uma série de indicações de leituras para o fim do ano, nas páginas 4 e 7, que contemplam desde os clássicos do marxismo até obras da literatura nacional e internacional fundamentais para a compreensão do mundo em que vivemos.

Em breve retomaremos com nossas atividades regulares. Seguimos na luta para pôr abaixo o governo Bolsonaro e no combate por um governo dos trabalhadores.

Saudações revolucionárias!

EXPEDIENTE

TEMPO DE
REVOLUÇÃO

Diretor de Publicação:
Serge Goulart

Editor: Evandro Colzani

Conselho Editorial: Alex Minoru, Bruna dos Reis, Caio Dezorzi, Flávio Reis, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho e Maritania Camargo.

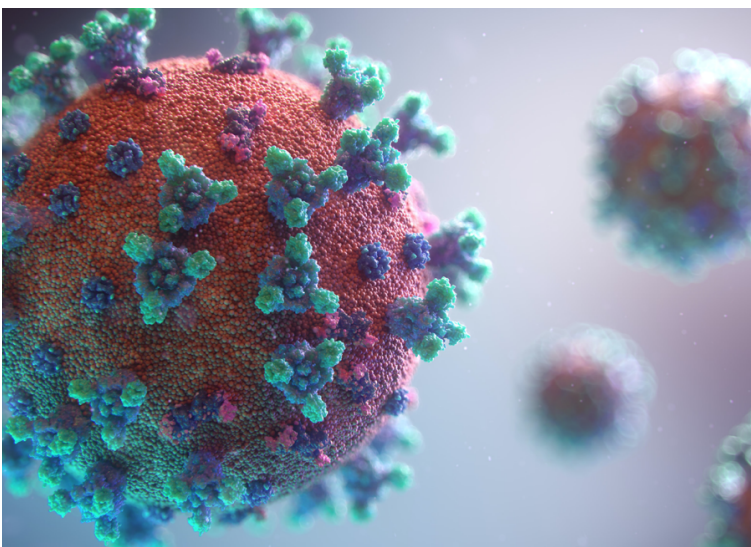
Comitê de Redação: André Mainardi, Flávia Antunes, Francine Hellmann, Henrique de Macedo, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Mateus Tavares

Diagramação: Henrique de Macedo

Capa: Evandro Colzani

Jornalista Responsável:
Rafael Prata
MTB nº 40040/SP

Endereço: Rua Dom José de Barros, 17, São Paulo - SP
Contato: Tel.: (11) 3104 0111 - jornal@marxismo.org.br



Vem aí um novo site para a Liberdade e Luta!

| Lucy Dias e Verônica Chypriades

Desde 2016, quando fundamos a Liberdade e Luta, temos utilizado o site atual como plataforma para difundir nossas ideias, campanhas, atividades e para defender a luta pela revolução socialista.

Para uma organização independente financeiramente como a nossa, a manutenção de um site e das redes sociais depende da ação vo-

luntária de muitos militantes, que contribuem com seu tempo disponível na elaboração e proposição de pautas e artigos, na revisão política e ortográfica, publicação e difusão nas redes sociais. Uma ferramenta mais atualizada, com mais recursos e com melhor navegação para os leitores torna esse trabalho coletivo mais valorizado e, portanto, contribui ainda

mais para a educação política e para a troca de experiências organizativas.

O novo site da Liberdade e Luta ganhará um novo tema, mais moderno e de fácil navegação entre os artigos, além de uma enorme melhoria em sua ferramenta de busca e categorização dos mais de 800 artigos já publicados e dos próximos que publicaremos.



Além disso, desde a preparação da Conferência Nacional da Liberdade e Luta, levantamos diversas pautas e temas para elaborar com o objetivo de contribuir com a educação teórica marxista e intervenção prática dos nossos camaradas, sejam secundaristas, trabalhadores ou universitários.

A previsão de lançamento do novo site é no dia 10 de dezembro, quando publicaremos também algumas indicações de leitura, filmes etc. para o período de recesso.

Dicas de Leitura

A teoria é fundamental para aqueles que querem transformar a sociedade, pois ela nos arma com as ideias necessárias para a ação revolucionária.

A leitura de obras literárias, do ponto de vista militante, é algo a ser incentivado. Além da questão da apreciação artística, e de ser um meio de acesso à cultura produzida pela humanidade. Friedrich Engels, em carta à Margaret Harkness, explica o quanto aprendeu sobre a França lendo Balzac. Trata-se da defesa de uma literatura robusta que consiga permear as personagens de um tempo, um espaço, uma moral; uma literatura que alcance as contradições de seu tempo, os avanços e os retrocessos. Ao mesmo tempo, não deixa de observar quem são os homens que a fazem, quais seus limites e quais suas perspectivas. Engels não tem qualquer medo de elogiar a obra monumental do excêntrico Balzac, por exemplo, bem como Marx o fazia. Os marxistas devem conhecer todo o acúmulo que a humanidade produziu até aqui, tudo quanto puderem. Não somos religiosos, não há pecado em ler e nem leituras proibidas.

Com o intuito de contribuir na formação literária dos nossos camaradas, conversamos com a camarada Maritania Camargo, editora da revista “América Socialista – Em defesa do Marxismo” e professora de Língua Portuguesa e Literatura, para nos recomendar algumas indicações literárias.

A primeira indicação trata-se de dois escritores que foram vítimas do nazismo e do stalinismo:

- Primo Levi – escritor italiano, que passou mais de um ano no campo de concentração de Auschwitz e o primeiro a relatar o massacre dos campos de extermínio nazista. Para Maritania, obras indispensáveis a qualquer militante são: primeiramente, “É isto um homem?” e, em seguida, “A Trégua”. São memórias do campo de concentração de Auschwitz e do pós-guerra;

- Varlam Chalámov – Contos de Kolimá. São relatos literários, contos, dos quase 20 anos que Chalámov esteve preso no gulag. Autores e obras que, segundo Maritania, estariam em sua lista de adoráveis, por razões inúmeras:

- John Reed – “Os 10 dias que abalaram o mundo” e os textos que compõem o livro “Eu vi um novo mundo nascer”;

- Jack London – particularmente um conto chamado “A greve”;

- Ernest Hemingway – toda a obra, com honras aos seus contos, que são agradáveis, fortes e de composição histórica impressionante;

- Leonardo Padura – para além do “Homem que amava os cachorros”, a tetralogia “Estações em Havana” e o conjunto de sua obra.

- Miguel de Cervantes – “Dom Quixote”;
- Honoré de Balzac – “A comédia humana”;
- Liev Tolstói – toda a sua obra, com destaque para um pequeno conto “O diabo”;

- Vladimir Maiakovski – Para além de sua obra poética, “O percevejo”;
- Victor Hugo – “Os miseráveis”;
- Dante Alighieri – “A divina comédia”;
- Homero – “A Ilíada” e “Odisseia”.

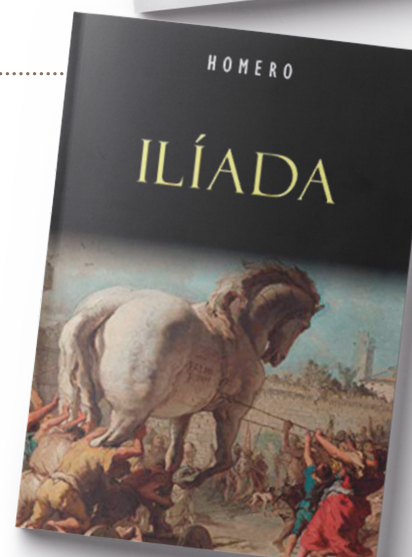
Clássicos da Literatura Brasileira:

- Graciliano Ramos – “Vidas Secas”;
- Machado de Assis – “Memórias póstumas de Brás Cubas” e seus contos;
- Gregório de Matos – Um dos primeiros autores que vai criticar o poder instituído, em especial, nos poemas satíricos;
- Nelson Rodrigues – é um escritor, sem dúvida, reacionário do ponto de vista político, mas realiza uma espécie de contraobra, onde descreve com perfeição absurda a pequena-burguesia. Uma leitura indispensável em teatro;
- Guimarães Rosa – “Sagarana”.

E, um bônus, em literatura infantil e infanto-juvenil:

- Lygia Bojunga – “Meu amigo Pintor”;
- Paulo Leminski – “Guerra dentro da gente”;
- Miguel Sousa Tavares – “Ismael e Chopin”.

Escolha por onde começar e boa leitura!



Rosa Luxemburgo e a Revolução Alemã

| Redação

No dia 11 de dezembro será realizado mais um módulo da Universidade Marxista Brasil (UMB). Dando continuidade às discussões sobre a história das revoluções, neste módulo serão debatidas as lições da Revolução Alemã, na qual os trabalhadores, apesar da sua disposição de luta, foram traídos e levados à derrota pelas direções das principais organizações operárias.

Rosa Luxemburgo, assassinada durante o processo revolucionário desencadeado a partir de 1918, foi uma das poucas dirigentes que defendeu a necessidade de avanço do processo revolucionário. Os algozes de Rosa foram seus antigos companheiros de partido, dirigentes do Partido Socialdemocrata Alemão (SPD), que passaram para

o lado da contrarrevolução.

Uma das principais marcas da vida de Rosa foi a luta em defesa do marxismo e da revolução. Esse combate colocou Rosa em choque com alguns dos principais dirigentes que defenderam o reformismo. Em 1899, Rosa escreveu uma de suas obras mais conhecidas, intitulada *Reforma social ou revolução?*, na qual polemiza com Eduard Bernstein, um dos principais nomes da socialdemocracia alemã devido ao seu vínculo pessoal e político com Friedrich Engels.

Bernstein defendia uma estratégia reformista, ganhando adeptos não apenas dentro do SPD como em outros partidos da Europa. Para ele, o socialismo seria construído gradualmente no interior do sistema capitalista. Os socialistas deveriam progressivamente ocupar espaços nas instituições existentes, chegando a um momento em que a burguesia perderia força e esse espaço político poderia ser ocupado pelo proletariado. Não haveria mais a necessidade de uma revolução.

Rosa, em oposição, apontava que a revolução não era uma mera escolha colocada para os marxistas, demonstrando

trando a impossibilidade de uma mera sucessão de reformas levar ao socialismo sem que houvesse uma ruptura com a ordem capitalista. Rosa demonstrou o papel do Estado, enquanto representante dos interesses da burguesia, deixando claro que não seria possível a conquista do poder por meio de qualquer instituição que estivesse limitada aos marcos do capitalismo. Rosa afirmava:

“Quem, portanto, se manifesta pelo caminho da reforma legal em vez de e em oposição à conquista do poder político e à transformação da sociedade escolhe, de fato, não um caminho mais calmo, seguro e vagaroso para um mesmo fim, mas também um outro fim, a saber, em vez da realização de uma nova ordem social, opta apenas por mudanças quantitativas na antiga” (Rosa Luxemburgo, *Reforma social ou revolução?*).

Rosa também criticou os reformistas diante da Primeira Guerra Mundial. O SPD, em 4 de agosto de 1914, traiu os interesses dos trabalhadores votando a favor dos créditos de guerra e colocando-se nas mesmas fileiras da burguesia alemã. Muitos dos principais dirigentes operários colaboraram com o governo nas medidas a favor da guerra. Em função dessa política, o SPD teve uma cisão que deu origem ao Partido Social-Democrata Independente (USPD), que reunia setores bastante heterogêneos que se opunham à guerra, cabendo à sua ala esquerda, da qual Rosa fazia parte, um papel minoritário. Rosa apontava que seria preciso os trabalhadores combaterem o imperialismo e a burguesia:

“O imperialismo como última fase e apogeu do domínio político mundial do capital é o inimigo mortal comum do proletariado de todos os países e é contra ele que deve concentrar-se, em primeiro lugar, a luta da classe proletária, tanto



Karl Liebknecht foi, junto de Rosa, um dos principais dirigentes da Rev. Alemã de 1918

na paz quanto na guerra. Para o proletariado internacional a luta contra o imperialismo é, ao mesmo tempo, a luta pelo poder político estatal, o conflito decisivo entre socialismo e capitalismo” (Rosa Luxemburgo, *Rascunho das Teses de Junius*).

A vida militante de Rosa Luxemburgo está marcada pela defesa do marxismo enquanto ferramenta para a compreensão da realidade e do socialismo enquanto perspectiva de futuro para a humanidade. Para Rosa, a transformação da sociedade estava ligada ao processo de organização e de mobilização dos trabalhadores, ou seja, à construção de uma direção revolucionária.

Rosa Luxemburgo cumpriu papel central na defesa do marxismo, da revolução e do internacionalismo proletário. Sua vida se entrelaça com a história da Revolução Alemã em função do seu papel como dirigente política. Isso mostra a importância de que se compreenda esse pro-

cesso político mostrando a dinâmica da revolução e o papel da direção dos trabalhadores, como propõe realizar o próximo módulo da UMB.

Para ler a versão completa deste artigo:

[Rosa Luxemburgo, o marxismo e a revolução](#)

Sobre a Revolução Alemã e Rosa Luxemburgo:

[A Primeira Guerra e a revolução na Alemanha.](#)

[Os voos altos e baixos da águia: Rosa Luxemburgo e a Rússia.](#)

[100 anos: Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e a Revolução Alemã.](#)

[Reforma ou Revolução, de Rosa Luxemburgo.](#)

Podcast:

[#33 - 150 anos de Rosa Luxemburgo.](#)

Na Livraria Marxista:

[America Socialista 13.](#)

[Rosa Luxemburgo, Pensamento e Ação.](#)

[Rosa Luxemburgo Vol. 3.](#)

INSCREVA-SE!



Quando? 11/12

Horário: 15h

Clique e faça sua inscrição





A luta militante pela verdade, pela teoria revolucionária

Johannes Halter

Foi Marx quem descobriu a profunda dinâmica das revoluções sociais, propondo que nenhum regime social desaparece antes de desenvolver suas forças produtivas ao máximo, e que um novo regime precisa ter no antigo suas condições econômicas necessárias. Esse processo acontece, porém, de forma viva e contraditória. São os homens e as mulheres que surgem a cada geração que o protagonizam. Essa dinâmica pode ser entendida também como a busca por harmonizar a humanidade com a natureza, ao invés de permanecer refém de um infundável conflito. Decorre desse movimento a atividade da humanidade para elevar seu nível de compreensão da realidade e sua capacidade de conhecer a verdade.

Diferente do que se convencionou, o marxismo está longe de ser um dogma ou uma seita. Pelo contrário. O marxismo é antes de tudo um método de pensamento para se conhecer a verdade. Tecnicamente falando, trata-se do método do materialismo histórico, concebido por Marx e Engels. Antes de se adentrar nos mais variados campos de estudo, os jovens amigos colocaram-se a questão do método adequado para

descobrir a verdade. *“Os filósofos até então limitaram-se a interpretar o mundo de diferentes formas, mas o que importa é transformá-lo”*, concluía um jovem Marx aos seus 27 anos após estudar e criticar as ideias de Ludwig Feuerbach.

Marx e Engels, coerentes com suas conclusões teóricas, propunham-se a ser eles próprios agentes ativos das dinâmicas da história que acabavam de descobrir. Uma vez concluído que os homens fazem a história, mas o fazem a partir das condições encontradas, eles próprios passam a ser indivíduos não apenas ativos, mas também conscientes na história. Trabalharam de forma militante para difundir suas ideias entre a classe que descobriram ter as condições para protagonizar a próxima revolução do regime social. Tornaram-se assim homens de partido, ajudando uma promissora organização operária a se desenvolver, a Liga dos Justos. Ali, porém, predominavam ideias místicas, conspiracionistas e idealistas. Ao responder aqueles que diziam que os trabalhadores não estariam preparados para as grandes questões e verdades, Marx declarou que a ignorância nunca ajudou ninguém.

Toda a batalha de Marx e Engels com a Liga dos Justos foi pela elevação do nível político e teórico das massas e de sua vanguarda. Foi assim que a Liga mudou seu nome para Liga dos Comunistas, assim como seu slogan. De *“Todos os homens são irmãos!”* para *“Proletários de todos os países, uni-vos!”*. Esse esforço continuou com

Ao reivindicar o marxismo, nos propomos a ter uma atividade militante para agitar e propagar as verdades que ajudem os trabalhadores no seu esforço de libertação

o trabalho deles na Associação Internacional dos Trabalhadores, em diversos livros, brochuras, cartas e participação na vida política do proletariado. Tratava-se para Marx e Engels de uma luta militante pela verdade, uma luta que se dava na luta de classes e pela luta de

classes. Marx e Engels nunca tiveram uma concepção acadêmica sobre a defesa das ideias da revolução social, de que bastaria a elaboração de ideias corretas sem um corpo político que as expressasse. Em sua *“Crítica à Filosofia do Direito de Hegel”*, Marx assinalava que a crítica das ideias não pode substituir a crítica das armas, mas as ideias tornavam-se uma força material quando ganhavam as massas organizadas.

Essa luta pela verdade na luta de classes e pela luta de classes dá-se pelo esforço de difundir entre as massas, e em primeiro lugar entre sua vanguarda, as conclusões teóricas e políticas decorrentes da correta aplicação do marxismo. Wilhelm Liebknecht, partidário de Marx e pioneiro da organização dos operários alemães, cunhou um slogan que resume a questão: *“Estudar, propagar, organizar!”*. A agitação e a propaganda das ideias do marxismo constituem dois atos de um só esforço tático para transmitir aos trabalhadores a teoria sobre sua situação, sobre o meio que os envolve e sobre as formas de atividade política que permitem agir por sua emancipação. Como assinalou Liebknecht, esse esforço precisa se converter em organização, na forma sindical e partidária, para que o nível da consciên-

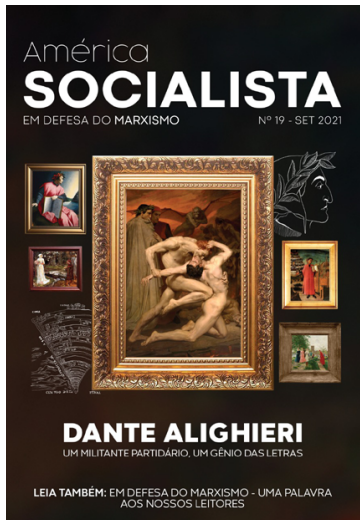
cia coletiva se eleve e se avance no que Marx definiu como transformação de classe em si para classe para si.

Ao reivindicar o marxismo, nós nos propomos a ter uma atividade militante para agitar e propagar as verdades que ajudem os trabalhadores no seu esforço de libertação. Trabalhamos nesse sentido editando e difundindo o jornal Tempo de Revolução, a revista América Socialista - Em Defesa do Marxismo, o site da Esquerda Marxista. Também o fazemos com a difusão de obras por meio da Livraria Marxista e pelas edições da Editora Marxista. Neste fim de ano, por exemplo, organizamos promoções de livros e outros materiais teóricos com a Red Week e com o Natal Vermelho. São oportunidades para a militância e os amigos da Esquerda Marxista adquirirem o acúmulo teórico elaborado por nossa seção da Corrente Marxista Internacional, assim com prepararem seu arsenal teórico com outros clássicos do marxismo.

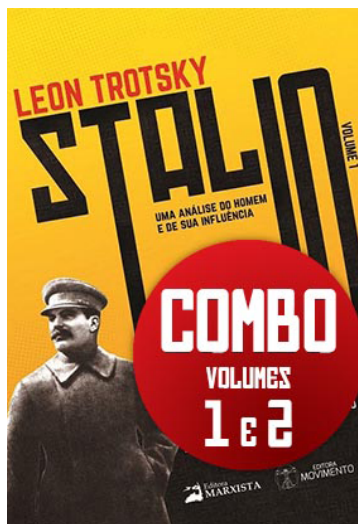
O esforço por propagar as ideias do marxismo hoje trata-se assim de um combate que se conecta ao movimento histórico do proletariado consciente por sua libertação. Uma batalha que encontra na teoria revolucionária, na busca pela verdade, sua matéria-prima fundamental.

Confira as promoções do Natal Vermelho da Livraria Marxista

Clique para adquirir



R\$40,00



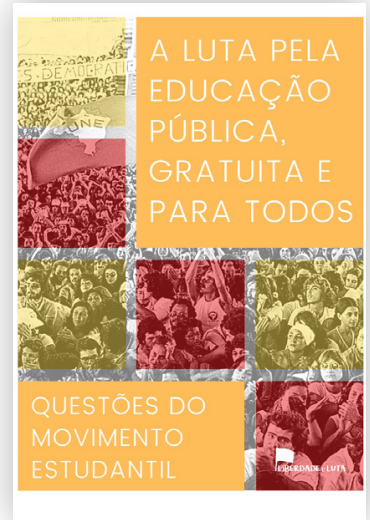
de R\$120,00 Por R\$75,00



de R\$60,00 Por R\$30,00



R\$10



R\$10



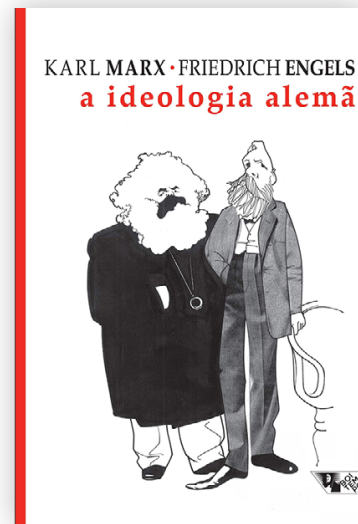
de R\$47,00 Por R\$35,25



de R\$39,00 Por R\$29,25



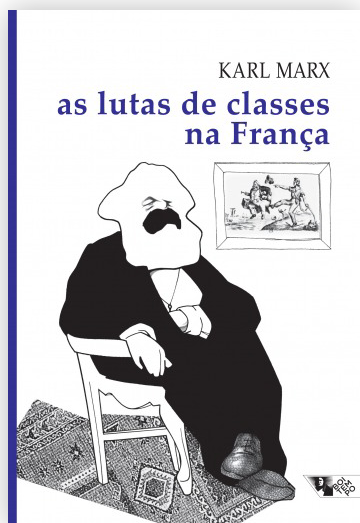
de R\$15,00 Por R\$11,25



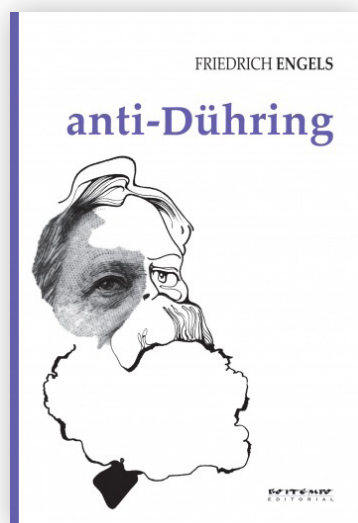
de R\$95,00 Por R\$71,25



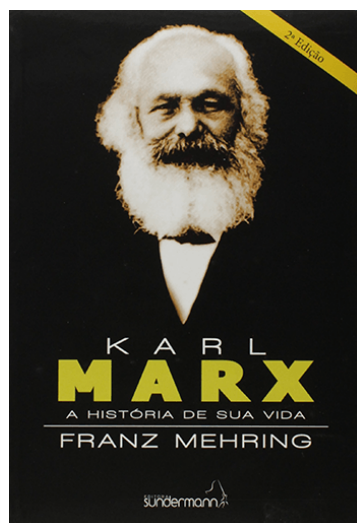
de R\$160,00 Por R\$120,00



de R\$47,00 Por R\$35,25



de R\$85,00 Por R\$62,25



de R\$75,00 Por R\$56,25



de R\$47,00 Por R\$35,25



de R\$55,00 Por R\$41,25



Grã-Bretanha



EUA



EUA



Suíça



Argentina



Alemanha



México



São Paulo



Holanda



Protestos em Cuba: “lenços vermelhos” e a defesa da revolução

Michelle Vasconcellos

O mês de novembro chegou ao fim com novas perspectivas para a situação política de Cuba, que se encaminhava, desde os atos de julho, sob forte assédio de forças contrarrevolucionárias que capitalizaram as dificuldades e insatisfações da população cubana, para pôr em andamento o projeto de restauração do capitalismo.

As manifestações chamadas para 15 de novembro (15N) pelo dramaturgo Yunió García, promotor da Plataforma *Archipelago*, e articuladas por Washington caíram em descrédito na medida em que o povo cubano reconheceu as reais intenções da iniciativa e seu distanciamento das pautas sociais.

Antes do definhamento do 15N, entretanto, houve grandes agitações e ameaças de sanções por parte dos EUA, caso ocorresse repressão por parte do Estado cubano contra as manifestações.

Em julho, a população foi às ruas exigindo a solução para o desabastecimento e vacinas. Tais reivindicações abriram espaço para uma campanha internacional pelo

#SOSCuba, com apelo reacionário. Isso repercutiu em participações de grupos contrarrevolucionários nos atos e confrontos com a polícia e grupos de defesa da revolução, com detenções. Esses eventos foram duramente criticados pela mídia internacional e deram suporte para apelos por “direitos humanos” encabeçados pela sensibilidade seletiva imperialista, ausente em conflitos cuja repressão corrobora com os interesses capitalistas.

Tais recortes, juntamente com as evidências de articulação com elementos imperialistas enfraqueceram o discurso de defesa do povo cubano. Assim, Yunió García cancelou seu chamado à manifestação em massa, propondo marchas individuais. O que não ocorreu. Apesar das alegações de que a possibilidade de repressão inibiu o ato, a verdade é que o 15N definhou.

Ainda assim, o conjunto de complicadores do governo cubano, como o assédio imperialista dos EUA, bloqueios e mesmo as consequências da burocratização do regime persistem e afetam a

população, que mantém suas críticas. É neste panorama que se destaca a importância política dos *pañuejos rojos*, os “lenços vermelhos”.

Diversas seções da Corrente Marxista Internacional (CMI) também prestaram apoio aos “lenços vermelhos”, por reconhecer neles um campo potencial para a defesa das conquistas da revolução.

De 12 a 14 de novembro foi convocada uma concentração de 48 horas em torno da estátua de José Martí, em defesa da revolução e contra o bloqueio, independentemente de instituições oficiais. O ato reuniu dezenas de pessoas em

torno de discussões políticas e expressões artísticas. Os organizadores dessa ação pública se autodenominaram “lenços vermelhos”. Reconhece-se, portanto, que a mobilização manteve uma postura crítica de esquerda, interessada na manutenção das conquistas da revolução e marcou a importância do controle operário na gestão do Estado e da economia.

A Esquerda Marxista manifestou apoio aos “lenços vermelhos” e à Revolução Cubana. Os militantes de São Paulo, Rio de Janeiro e Joinville divulgaram fotos de apoio com palavras de ordem de solidariedade à Revolução Cubana, contra o bloqueio, o imperialismo e a restauração do capitalismo.

Diversas seções da Corrente Marxista Internacional (CMI) também prestaram apoio aos “lenços vermelhos”, por reconhecer neles um campo potencial para a defesa das conquistas da revolução. Camaradas da *Socialist Revolution*, seção norte-americana, declararam a importância da criação de uma organização autônoma de jovens comunistas com discussões avançadas sobre a defesa da Revolução Cubana, e mani-

festaram apoio dos comitês de diversos estados.

A seção mexicana, Izquierda Socialista, realizou um ato público em frente a embaixada cubana, com palavras de ordem e discursos de apoio.

Igualmente, seções de outros países e seus vários núcleos reforçaram seu apoio, como Argentina, França, Alemanha, Espanha, Suécia, Grã-Bretanha, Itália, Holanda, Polônia, Suíça, posicionando-se contra o imperialismo e pelo controle dos trabalhadores, bem como pelo internacionalismo. A defesa da revolução e de suas conquistas em Cuba é uma das bandeiras da CMI. Reconhece-se aí a importância do apoio aos “lenços vermelhos”, que se lançam ao cenário com críticas que, potencialmente, levam ao estabelecimento de alternativas à burocracia atual e a mudanças políticas que assegurem a participação democrática da classe trabalhadora, na defesa do caráter nacionalizado dos meios de produção, no combate contra intervenções e bloqueios imperialistas, e na luta pelo socialismo internacional.

França



Rio Janeiro



Canadá



Suécia



França

